A Roseira

Joseph Jacobs

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um homem bom que tinha dois filhos: uma menina da primeira mulher e um menino da segunda. A menina era branca como leite, e seus lábios eram como cerejas. Seus cabelos eram como seda dourada e chegavam ao chão. O irmão a amava muito, mas sua madrasta malvada a odiava. Certo dia, a madrasta disse:

— Menina, vá à mercearia e compre uma libra de velas para mim.

Ela lhe deu o dinheiro; e a menininha foi, comprou as velas e começou a voltar. Havia uma escadinha para transpor uma cerca. Ela pôs as velas no chão enquanto transpunha a cerca pela escadinha. Veio um cachorro e fugiu com as velas.

Ela voltou à mercearia e conseguiu um segundo maço. Chegou à escadinha da cerca, pôs as velas no chão e começou a passar por cima. Veio o cachorro e fugiu com as velas.

Ela foi outra vez à mercearia e conseguiu um terceiro maço; e aconteceu exatamente a mesma coisa. Então voltou chorando para a madrasta, pois tinha gastado todo o dinheiro e perdido três maços de velas.

A madrasta estava zangada, mas fingiu não se importar com a perda. Disse à menina:

— Venha, ponha a cabeça no meu colo para eu pentear seus cabelos.

Assim, a pequenina deitou a cabeça no colo da mulher, que começou a pentear os cabelos amarelos e sedosos. E, enquanto ela penteava, os cabelos caíam sobre seus joelhos e se desenrolavam até o chão.

Então a madrasta passou a odiá-la ainda mais pela beleza de seus cabelos; por isso, disse:

— Não consigo repartir seus cabelos sobre o meu joelho. Vá buscar um pedaço de lenha.

A menina foi buscá-lo. Então a madrasta disse:

— Não consigo repartir seus cabelos com um pente. Vá buscar um machado para mim.

A menina foi buscá-lo.

— Agora — disse a mulher malvada —, ponha a cabeça sobre o pedaço de lenha enquanto eu reparto seus cabelos.

Pois bem! Ela deitou sua cabecinha dourada sem medo; e zás! O machado desceu, e a cabeça foi cortada. Então a mãe limpou o machado e riu.

Depois tirou o coração e o fígado da menininha, fez com eles um ensopado e o trouxe para dentro de casa para a ceia. O marido os provou e balançou a cabeça. Disse que tinham um gosto muito estranho. Ela deu um pouco ao menininho, mas ele não quis comer. Tentou obrigá-lo, mas ele se recusou e correu para o jardim, pegou a irmãzinha, colocou-a numa caixa e enterrou a caixa debaixo de uma roseira; e todos os dias ia até a roseira e chorava até suas lágrimas escorrerem sobre a caixa.

Um dia, a roseira floresceu. Era primavera, e ali, entre as flores, havia um pássaro branco; e ele cantava, e cantava, e cantava como um anjo do céu. Saiu voando, foi até a oficina de um sapateiro e pousou numa árvore ali perto; e assim cantou:

Minha mãe malvada me matou,
Meu querido pai me comeu,
Meu irmãozinho, a quem eu amo,
Está sentado embaixo, e eu canto em cima,
Bem, bem, bem morta.

— Cante de novo essa linda canção — pediu o sapateiro.

— Se primeiro me der esses sapatinhos vermelhos que está fazendo.

O sapateiro deu os sapatos, e o pássaro cantou a canção; depois voou até uma árvore em frente à oficina de um relojoeiro e cantou:

Minha mãe malvada me matou,
Meu querido pai me comeu,
Meu irmãozinho, a quem eu amo,
Está sentado embaixo, e eu canto em cima,
Bem, bem, bem morta.

— Oh, que linda canção! Cante de novo, doce pássaro — pediu o relojoeiro.

— Se primeiro me der esse relógio de ouro e essa corrente que tem na mão.

O joalheiro deu o relógio e a corrente. O pássaro pegou-os com um pé, os sapatos com o outro e, depois de repetir a canção, voou até onde três moleiros picavam uma mó. O pássaro pousou numa árvore e cantou:

Minha mãe malvada me matou,
Meu querido pai me comeu,
Meu irmãozinho, a quem eu amo,
Está sentado embaixo, e eu canto em cima,
Bem!

Então um dos homens largou sua ferramenta e ergueu os olhos do trabalho,

Bem!

Então o segundo ajudante de moleiro pôs sua ferramenta de lado e ergueu os olhos,

Bem!

Então o terceiro ajudante de moleiro largou sua ferramenta e ergueu os olhos,

Morta!

Então os três exclamaram a uma só voz:

— Oh, que linda canção! Cante de novo, doce pássaro.

— Se puserem a mó em volta do meu pescoço — disse o pássaro.

Os homens fizeram o que o pássaro queria, e ele voou para a árvore com a mó em volta do pescoço, os sapatos vermelhos num pé e o relógio de ouro e a corrente no outro. Cantou a canção e depois voou para casa. Fez a mó bater nos beirais da casa, e a madrasta disse:

— Está trovejando.

Então o menininho correu para fora para ver o trovão, e os sapatos vermelhos caíram aos seus pés. O pássaro fez a mó bater mais uma vez nos beirais da casa, e a madrasta disse de novo:

— Está trovejando.

Então o pai correu para fora, e a corrente caiu em volta de seu pescoço.

O pai e o filho correram para dentro, rindo e dizendo:

— Vejam que coisas bonitas o trovão nos trouxe!

Então o pássaro fez a mó bater nos beirais da casa pela terceira vez; e a madrasta disse:

— Está trovejando de novo. Talvez o trovão tenha trazido alguma coisa para mim.

E correu para fora; mas, no instante em que passou pela porta, a mó caiu em sua cabeça; e assim ela morreu.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-roseira-joseph-jacobs